



Uma análise literária do indivíduo na utopia e na distopia (1984 e Nós)

Paulo Abe
Universidade de São Paulo

Resumo

Neste artigo, procuramos analisar a configuração e desconfiguração do indivíduo por meio de um percurso literário, das ficções universais medievais e seu subgênero, a utopia, até os romances e seu subgênero, a distopia. Neste percurso, desenvolvemos também um diálogo com o psicanalista, Erich Fromm, o escritor, crítico e historiador literário, Ian Watt, e o escritor e sociólogo, Aldous Huxley.

Palavras-chave: Distopia. Utopia. Romance. Indivíduo.

Submetido em: 04/02/2021
Aceito em: 14/11/2021
Publicado em: 30/12/2021



Departamento de Letras
Instituto de Ciências Humanas e Letras
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG –
CEP 317131-001 - Brasil

Paulo Abe



Graduado em Filosofia pela USP em 2014, teve o início de seus estudos no curso de Filosofia na PUC 2008, onde começou uma Iniciação Científica com bolsa da CNPq sobre o conceito de desespero em Kierkegaard. Em 2020, terminou seu mestrado na USP com bolsa CNPq em conjunto com a Universidade de Copenhague e Soren Kierkegaard Research Centre com a dissertação sobre o conceito de paradoxo e desespero em Kierkegaard. Em 2022, encontra-se no doutorado na USP e se dedica a pesquisar a questão da massa/rebanho em Kierkegaard e Nietzsche. No campo literário, publicou quatro livros de ficção, sendo premiado pela SFX em 2015 no Festival da Mantiqueira. Em 2016, foi finalista da "Primeira Maratona Literária" com o romance "Sexo sagrado". (Oito e Meio). Em 2018, venceu o Programa Nascente USP na categoria Texto com o livro de contos "um corpo divisível" (Penalux) e foi finalista do Prêmio Literário Guarulhos 2020. Em 2020, foi finalista do Prêmio OFF-FLIP com o conto "O livro dos tradutores" e em 2021, finalista com o conto "O livro das fronteiras".



<http://lattes.cnpq.br/0259510568435137>



<https://orcid.org/0000-0002-7842-2719>



[Programa de Pós-graduação em Filosofia \(USP\)](#)



UMA ANÁLISE LITERÁRIA DO INDIVÍDUO NA UTOPIA E NA DISTOPIA (1984 E NÓS)

Paulo Abe (Universidade de São Paulo) ¹

1 Introdução

Desde que a humanidade começou a contar histórias, houve diversas mudanças na maneira de contá-las. Até o gênero romance ser criado, houve por séculos a dominância da publicação de um gênero de ficção até a Modernidade: a ficção universal, em que não há nenhuma subjetividade nas personagens e se foca numa narrativa sob categorias genéricas ou universais. No entanto, inserido em ambos os gêneros há dois subgêneros que procuram apresentar ao leitor uma nova visão de mundo possível, além da qual os autores e suas sociedades estavam inseridas. Estes eram a utopia e a distopia.

Neste artigo, procuraremos problematizar a relação entre literatura e o indivíduo, tendo Erich Fromm como metodologia, utilizando-nos em especial seu livro *O Medo à liberdade* (1941) e sua crítica (1961) sobre *1984* de George Orwell. Para tanto, nos utilizaremos juntamente de Ian Watt para analisar a razão pela qual o indivíduo não se apresenta na ficção universal, gênero que esteve em voga na Idade Média até o século XVIII e que foi pano de fundo das próprias utopias – contraposto das distopias posteriores – e como o indivíduo tem sua gênese no gênero romance na concepção do pensamento ocidental. Nesta empresa se procurará inicialmente encontrar as relações possíveis entre

¹ e-mail: pauloaltro@hotmail.com



os conceitos presentes nas ficções universais e os conceitos envolvidos no próprio gênero posterior, o romance, que colocou o indivíduo no centro das experiências da vida.

Já o núcleo de nossa análise se voltará a duas questões: a primeira é investigar como acontece essa crise da individualidade presente nas distopias e que Erich Fromm, George Orwell, Aldous Huxley e em tantos outros autores que alertam para a automatização do ser humano, sua desumanização. Assim, nos perguntamos, como abordar o aspecto psicológico e social de Fromm e Huxley na obra de Orwell? E como fazer dialogar as duas distopias *1984* e *Nós*, de Yevgeny Zamyatin?

Por um lado, *1984* conta a história de Winston Smith, funcionário do ministério da verdade da Oceania, responsável por falsificar a história. O mundo havia se dividido em três grandes blocos, Oceania, Eurásia e Lestásia, sendo que todos estão num estado de guerra sem fim, ora contra um ora contra o outro. No entanto, mudando a “verdade” para ter sempre um inimigo por toda sua história. A Oceania era liderada pelo Grande Irmão, sob a ideologia do IngSoc (socialismo inglês). O Estado vigia e controla até mesmo o pensamento dos cidadãos – que são divididos em três castas. Uma das razões para esse controle é o duplipensar desenvolvido pelo Ministério da Verdade, parte da Nova Língua, em que é possível conviver com dois valores ou conceitos contraditórios. Por causa disso o lema do Partido, que domina o país, é passível de ser aceito “Guerra é paz; Liberdade é escravidão; ignorância é força”. Outro exemplo são os ministérios: o Ministério da Verdade é responsável pela mentira e falsificação da história e realidade; o Ministério da Paz é responsável pela guerra; o Ministério da Riqueza é responsável pela Fome; o Ministério do Amor é responsável pela espionagem, controle e tortura dos cidadãos. Em dado momento, Winston se encontra com Júlia, do Ministério do Amor, e a relação proibida que desenvolvem é uma revolta contra o Partido.



Por outro, *Nós* é a história do Estado Único, onde todos os seus cidadãos são cifras, isto é, sem nomes. Neste lugar, todas as instalações são de vidro. A privacidade não é um conceito comum nem popular. O único esporte é a marcha. E o trabalho é constante. De modo que todos ainda aspiram pelo dia em que não haverá mais as poucas horas ociosas que têm para si. O protagonista é D-503 é engenheiro e tem relações com O-90, mas sua vida se transforma quando conhece I-330, uma mulher que não se preocupa em quebrar leis. D-503 adora sua vida controlada pelo Estado Único, os horários para lazer, sexo, trabalho. Sua vida é completamente irresponsável, uma vez que seu livre arbítrio lhe é retirado, mas tudo muda quando comete o crime de não denunciar I-330 e acaba sendo vítima de uma estranha doença aos olhos do Estado Único.

Esse artigo apresenta as razões e a importância de se estudar tais universos distópicos e sua relação com nossa própria realidade e avança algumas perspectivas para sua realização. Procuraremos mostrar como, por meio de um mapeamento de críticas literárias, artigos e livros, essa desumanização se dá nos dois romances em foco: *1984* e *Nós*, como são refletidos na atualidade e analisá-los fazendo paralelos com o trabalho de Erich Fromm em, principalmente, *O medo à liberdade*, mas também em Aldous Huxley.

2.

Diante do extensivo uso que Fromm faz da história e destino da individualidade em seu estado latente na sociedade, de sua origem e de sua destruição, parece ser interessante debruçar-se a respeito de sua presença na obra do autor e dos romances distópicos que acentuam uma atenção para tal última parte de sua existência. Assim, qual a importância da individualidade no desenvolvimento de sua própria história na literatura? Estudar tais possíveis paralelos e diálogos, todavia, não significa que estão emergidos na



bibliografia que será utilizada de maneira pontual, em seus próprios contextos, mas sim achar tais ligações e entendê-las, ainda que não evidenciadas.

O corpo de textos que permearão a pesquisa talvez não represente a fundo as intenções dos autores ao escrevê-las. Isso significa que para uma interpretação contemporânea de tal estudo sobre a individualidade na literatura, será preciso abordar o que trata dos livros direta e indiretamente. Isso implica então uma abordagem que reconfigura, em alguma medida, a intenção dos autores, ou uma *certa* intenção que pudessem ter. Mesmo diante de tais dificuldades, pensamos ser possível propor um caminho que, por meio da bibliografia, possa esboçar uma linearidade e diálogo na esfera da individualidade.

De fato, tal abordagem só foi possível pelo claro interesse de Fromm pela própria obra de George Orwell (1903-1950), ao escrever uma crítica literária, e pelas semelhanças entre os universos de *1984* (1948) e *Nós* (1920) de Zamyatin (1834-1937). Talvez fosse impossível exigir de tais autores qualquer relação direta ou possível dos conceitos utilizados entre si. Apenas com uma distância histórica de tais eventos é possível um olhar amplo sobre a questão que se desenvolve por tantas décadas.

O que se pretende, portanto, é compreender o estatuto do indivíduo e da individualidade na história da literatura em seu estado oculto, desperto e destruído nestes autores. Neste caminho, será preciso desenvolver os aspectos tanto políticos como psicológicos e filosóficos para explorar a condição e existência do ser humano neste recorte histórico.



3.

Diante da tarefa de analisar o lugar da individualidade neste recorte da história da literatura, escolhemos avançar em três esferas que julgamos ser mais importantes. Primeiramente, se procurará abordar o tema por duas frentes, uma histórica e literária, seguindo uma cronologia desde a Idade Média. Se contextualizará a sociedade, o estado adormecido do indivíduo e o gênero literário em vigor na época, a ficção universal, nos utilizando de Fromm e Watt. Posteriormente, a Idade Moderna e as influências sociais e internas dentro do homem serão exploradas, indicando o surgimento da individualidade e sua reprodução literária com a ascensão do romance. No segundo momento, se analisará em especial o terceiro gênero que marca ou, pelo menos, alerta sobre a destruição da individualidade e como tal caminho é percorrido na esfera social e psicológica até a automação do indivíduo e no surgimento do totalitarismo. Na última parte, se analisará *1984* e *Nós* a fim de fazer um possível diálogo e achar onde tais caminhos se cruzam, ainda que reflitam mundos tão distantes pelo espaço, Reino Unido e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS); e pelo tempo: 1984 e 2700.

3. 1 Utopia e a literatura universal

Neste ponto iremos em duas frentes, analisando tanto a sociedade e o lugar do homem da literatura universal, quanto também o gênero utopia, que nos interessa pelo destino último de suas transformações, a distopia. A história desta última tem origem na *Utopia* (1526) de Thomas Morus (1478–1535). A palavra foi criada a partir dos



radicais gregos οὐ, "não" e τόπος, "lugar", portanto, o "não-lugar" ou "lugar que não existe". No entanto, ela nunca foi usada no mundo grego, fora inventada, ou seja, ela nunca foi usada até a criação do livro de Thomas Morus.

Com exceção da clara *República* de Platão (428-348 a.C.), as utopias começaram a ser escritas nos séculos XVI e XVII, no Renascentismo, isto é, na era Moderna de revalorização das referências clássicas (greco-romano) – ou ao menos na transição para tal época. Tais escritos expressavam o sentimento de autoconfiança e esperança do homem pós-medieval. Há uma trilogia que representa o gênero, sendo ela liderada por Thomas Morus com sua *Utopia*² (1516); *A cidade do Sol*³ (1602) do frei italiano Campanella; e *Cristianópolis*⁴ (1618) do humanista alemão Andreae.⁵

Nos três livros supracitados, há, segundo Fromm, uma “*esperança na perfeição individual e social do homem, claramente colocada em termos filosóficos e antropológicos nos escritos de filósofos iluministas do século XVIII e nas obras de pensadores socialistas do século XIX, permaneceu inalterada até o período pós-Primeira Guerra Mundial*” (Fromm In: Orwell, 2009, p. 367).

2 Inspirada pela *República* de Platão, Utopia procura expor uma sociedade que não carrega os problemas de então, como o fanatismo religioso e a discriminação religiosa. Assim, há ênfase na tolerância, apesar de se concordar de que há apenas um Deus. Além disso, faz um elogio da felicidade, como incompatível com riquezas e propriedade, apesar de não criticar a escravidão.

3 Campanella escreveu um diálogo inspirado pela *República* e *Timeu* de Platão, em que descreve a cidade de Atlantis. Sua sociedade é uma teocracia, onde há uma divisão de bens igualitária e profetiza a evangelização do mundo, possivelmente inspirado pelo “descobrimto” do Novo Mundo.

4 Andreae publicou um livro sobre uma sociedade “perfeita” em latim. Com ênfase nos professores, artistas e cientistas, Andreae constrói uma sociedade cristã e “socialista”.

5 Outras histórias ficcionais podem ser colocadas ao lado da trilogia utópica: *Sacred History* de Euhemerus, séc. IV; *Tao Hua Yuan (The Peach Blossom Spring)* por Tao Yuanming, 421 d.C.; *Histoire du grand et admirable royaume d'Antangil*. por I.D.M.G.T de 1616. *Nova Atlantis* por Sir Francis Bacon de 1627; *Commonwealth of Oceana* por James Harrington (1656).



As três obras de Morus, Campanella e Andriase não se encaixam no gênero romance. Ambas datam antes da ascensão do romance do século XVIII, isto é, estão desenvolvidas em um outro universo da ficção. A tradição medievalista, como escreve Ian Watt em *A ascensão do romance*, enxergava que “as verdadeiras ‘realidades’ são os universais, classes ou abstrações” (Watt, 2010, p. 12). Tais universais vêm de uma tradição religiosa judaico-cristã e da mitologia grega e aparecem nas ficções como pano de fundo necessário da própria realidade, ainda que ficcional. Assim, sempre em tais ficções foi-se necessário obedecer a tais convenções formais preestabelecidas, como a religiosidade.

Desta forma, neste universo da utopia e das ficções universais, a tradição coletiva sempre foi a mais importante, dando-se ênfase a “tipos humanos genéricos atuando num cenário basicamente determinado pela convenção literária adequada” (Watt, 2010, p. 16). Isto é, os universos, deuses e símbolos teriam de permanecer iguais aos da crença de sua época, teriam sempre de serem originais, no sentido em que se remetem à sua origem e não que sejam origem de algo⁶. Além do mais, reforçando tal conceito de humanos genéricos, se tem o fato do tipo de nomes dado aos personagens. Isto, pois, “nas formas literárias anteriores evidentemente as personagens em geral tinham nome próprio, mas o tipo de nome utilizado mostrava que o autor não estava tentando criá-las como entidades inteiramente individualizadas” (Watt, 2010, p. 19).

Assim, nesta forma de ficção universal ao qual a utopia está ligada não há uma individualização das personagens, muito menos de uma apresentação detalhada do ambiente ou de uma moral não ligada aos valores universais. O eu ou o indivíduo sequer estavam em segundo plano, estavam fora. Apenas a sociedade importava. Entretanto,

⁶ Sentido este que só foi realmente existir no século XVII por Edward Young ao saudar o estilo de um dos primeiros romancistas, Richardson.



importa nos perguntarmos, que sociedade tal existia para se refletir desta maneira em sua literatura?

3.2 A liberdade na Era da Reforma para a Modernidade

Na sociedade medieval, na visão de Watt, devido à sua economia autárquica, organização estamental e também a sua religião vigente, o cristianismo, “o homem só se dava conta de si mesmo como membro de uma raça, povo, partido, família ou corporação – através de uma categoria geral qualquer” (Fromm, 1980, p. 44). O homem tinha seu lugar certo em um mundo de pouca competição, onde não se era preciso produzir muito, pois os compradores eram relativamente sempre os mesmos e exigiam a mesma quantidade dentro de um feudo ou mesmo numa vila ou burgo. Havia um papel a ser seguido por uma classe de trabalhadores, de clérigos e nobres, que remontava centenas de anos.

No entanto, “malgrado a sociedade fosse assim estruturada e desse segurança ao homem (...) mantinha-o escravizado” (Fromm, 1980, p. 45). Não havia margens para dúvidas, uma vez que seu lugar em sociedade já estava preestabelecido por Deus, a fé e gerações que o precederam. Isto é, já nascia escravo de sua condição.

A sociedade medieval não despojava o indivíduo de sua liberdade, porque o ‘indivíduo’ ainda não existia (...) Ele ainda não se concebia como indivíduo, salvo através de seu papel social (que era então, igualmente, seu papel natural) (...) Na Idade Média, ambos os lados da consciência humana – o que se voltava para dentro assim como o que se voltava para fora – permaneciam adormecidos ou semidespertos sob um véu comum. O véu era feito de fé, ilusão e preconceito infantil, através dos quais o mundo e a História eram vistos revestidos de estranhas cores. (Fromm, 1980, p. 43-4)



Tal estado em que se encontrava o ser humano só poderia levá-lo a escrever as ficções universais e genéricas que, de fato, escreveu ainda até o século XVIII. Era a sua realidade e como a via. Entretanto, antes, no Renascimento, na Itália, a iniciativa econômica individual e a competição alcançaram outra relevância na vida humana. A vida tradicional se encontrava ameaçada. Começou então “o surto de uma poderosa classe endinheirada (...) tornaram-se menos importantes as estratificações feudais de classes (...) o trato social começou a ignorar as distinções de casta; o berço e a origem eram menos relevantes que a riqueza” (Fromm, 1980, p. 45).

A queda da velha ordem fez com que fosse possível ao homem, além de observar e se relacionar com o Estado objetivamente, ter uma experiência com sua própria subjetividade. Estava tornando-se um indivíduo desperto de si. Desta forma, uma vez indivíduo, desligado do que lhe dava segurança e sentido na existência, o homem alcançara também sua liberdade. No entanto, que liberdade é esta?

Uma vez que os estamentos desaparecem, é possível ascender socialmente. Há liberdade para tal movimento vertical. No entanto, a outra possibilidade também existe: cair. Em uma palavra, insegurança. Toda consciência de ter o seu lugar certo no mundo, na sociedade, seu “status” e seu futuro se desvanece. O indivíduo logo em sua nascença se depara com a possibilidade, com os riscos, a solidão e a insegurança no mundo, sendo apenas ele responsável por si. E, ainda assim, está livre, negativamente livre.

O capitalismo libertou o indivíduo. Ele libertou o homem da arregimentação do sistema corporativo; permitiu-lhe firmar-se nos próprios pés e experimentar sua sorte. Ele se tornou senhor de seu destino, dele era o risco e dele também o ganho. (Fromm, 1980, p. 58)

Assim, cabe agora perguntarmos, com o nascimento da individualidade na Era Moderna, como a literatura foi influenciada? Qual gênero ascendeu de tal rompimento com a ordem do passado?



3.3 Ascensão do Romance

Por outro lado, o gênero romance nasceu no século XIII e procurou se desvencilhar das narrativas e ficções universais anteriores. Seus primeiros representantes foram os ingleses Defoe (1660-1731), Richardson (1689-1761) e Fielding (1707-1754) e uma de suas principais características que diferenciava tal gênero novo do antecessor é certamente por “procurar retratar todo tipo de experiência humana e não só as que se prestam a determinada perspectiva literária: seu realismo não está na espécie de vida apresentada, e sim na maneira como a apresenta” (Watt, 2010, p. 11).

O romance se foca na verdade em uma questão epistemológica, isto é, visa “o problema da correspondência entre a obra literária e a realidade que ela imita” (Watt, 2010, p. 11). Portanto, a importância desse fato se deu por causa do realismo filosófico. Rejeitando os universais da Idade Média, a Modernidade se diferencia por se importar com os objetos particulares, concretos, de percepção sensorial subjetiva, que tiveram origem principalmente em Locke e Descartes.

Mas a ideia de que o mundo exterior é tal e que os sentidos nos dão uma percepção verdadeira desse mundo não esclarece muito o realismo literário; como praticamente todas as pessoas em todas as épocas se viram forçadas, de um modo ou de outro, a tirar alguma conclusão sobre o mundo exterior a partir da própria experiência, a literatura em certa medida sempre esteve sujeita à mesma ingenuidade epistemológica. Além disso os princípios característicos da epistemologia realista e as controvérsias a eles ligadas são em geral demasiado especializados na natureza para ter grande relação com a literatura. A importância do realismo filosófico para o romance é muito menos específica; trata-se da postura geral do pensamento realista, dos métodos de investigação utilizados, do tipo de problema levantado (Watt, 2010, p. 12).

Essa influência cartesiana e essa fidelidade à experiência individual se encontram nessa nova literatura. Nela, a verdade pode ser buscada de forma inteiramente individual. Basta ver Descartes em seu *Discurso do Método* e *Meditações* destruir tudo o que foi



pensado para remontar uma verdade por meio do que é “claro e distinto” – subjetivamente. Nele, desconfia-se e se questiona tudo, inclusive das intenções e existência de Deus, algo impensável na Idade Média, dando ênfase a uma busca individual da verdade, a partir da experiência subjetiva. De alguma forma, é este método que está por trás do romance; e é ele que diferencia as utopias das distopias.

Fato importante também é que a utopia, assim como no cristianismo e na mitologia grega, acreditava em um destino ou em um “fim dos tempos”, simbolizado pelo Messias (Fromm In: Orwell, 2009, p. 366).

A filosofia da história presente no Velho Testamento parte do princípio de que o homem cresce e se revela no curso da história, tornando-se finalmente o que é em potencial. Ela pressupõe que o homem desenvolve seu potencial para a razão e para o amor de forma plena, tornando-se assim equipado para compreender o mundo, sendo uno com a natureza e seus semelhantes e preservando ao mesmo tempo sua individualidade e sua integridade. A paz universal e a justiça são as finalidades do homem (Fromm In: Orwell, 2009, p. 365-6).

Por essa e outras razões, o universal é necessário. Há uma ordem geral que visa criar e descrever uma sociedade ideal, onde estaria um *telos* da nossa. Assim, estaríamos “condenados” a cumprir nossa finalidade utópica. Essa é a escatologia da espécie humana.

No entanto, tal utopia só pode nos indicar em que direção seguir, já sabendo, porém, que o ideal nunca será alcançado. É mais uma questão de direção que de lugar; não tanto um “não-lugar” – como a etimologia de utopia pode sugerir, mas uma “não-direção”. Mas então por que escrever distopias? Por que não mais escrever sobre eutopias ou u-topias, isto é, respectivamente, lugares bons e lugares que não existem⁷? Por que escrever sobre lugares ruins? Qual a importância disso?

7 Talvez ainda lugares que não possam existir.



3.4 Distopia e a destruição da individualidade

Esclareçamos primeiro, por que lugares ruins? Distopia é também uma palavra inventada. Palavra esta que também vem do grego: $\delta\upsilon\varsigma$ e $\tau\acute{o}\pi\omicron\varsigma$, ou como alternativa, *cacotopia*, *kakotopia*, *cackotopia*, ou *anti-utopia*. Ou seja, dis-topos, lugar ruim. Tal prefixo é conhecido de outra palavra com certa relação já ao tema do gênero: desastre, ou melhor, *dis-ester*, a má estrela, querendo traduzir um mau agouro, um futuro sombrio. Pois não é isso também que as distopias fazem, a saber, (pre)ver um futuro ou um lugar ruim?

Primeiramente, é importante nos perguntarmos aqui se há realmente um teor profético nessas ficções ou se são apenas possibilidades de existência – ainda que atuais? Pois, afinal, toda história futurista não fala também sobre sua atualidade? No entanto, por que as distopias em questão, a saber, *Nós e 1984* se passam em um futuro, necessariamente o futurismo esteja inerente ao gênero distopia? Estariam tais autores nos indicando um futuro a seguir ou nos alertando a não seguir? Em suma, o que caracterizou o início desse gênero de literatura? Quais foram seus desenvolvimentos? Qual ruptura houve para tal nascimento?

Apesar de existir muitos outros títulos famosos, mesmo anteriores a *Nós e 1984*, como *Admirável Mundo Novo* (1932) de Aldous Huxley (1894-1963) e *Tacão de Ferro* (1907) de Jack London (1876-1916), e posteriores, como *Fahrenheit 451* (1953) de Ray Bradbury (1920-2012) e *O conto de Aia* (1985) de Margaret Atwood (1939-), nos focaremos nesses dois, mas tendo em mente que todos compartilham de uma mesma influência e expõem até certo ponto uma mesma ideia. Esta razão Erich Fromm expõe nas seguintes palavras.

Essa guerra, na qual milhões morreram pelas ambições territoriais das potências europeias, ainda que sob a ilusão de estarem lutando pela paz e pela democracia, foi



o início do desenvolvimento que levou, num tempo relativamente curto, à destruição da tradição ocidental de esperança, que contava dois mil anos de idade, e a sua transformação num sentimento de desespero (Fromm In: Orwell, 2009, p. 367).

Aqui o rompimento com a utopia é feito. Não seria possível mais pensar em um mundo bom, num ideal a se seguir, pois frente a tanta destruição e aperfeiçoamento na arte da morte, só se poderia talvez se escrever sobre o que, pelo menos, não deveríamos, como espécie humana, nunca fazer ou nos tornar. Uma lista talvez mostre alguns pontos importantes que levaram Erich Fromm (In: Orwell, 2009, p. 366) a escrever que este “sentimento de desespero” veio à tona para a humanidade precisamente neste período.

1) A insensibilidade moral da Primeira Guerra Mundial foi apenas o começo. 2) A traição das esperanças socialistas pelo capitalismo estatal de Stalin. 3) A grave crise econômica da queda da bolsa de 1929 (período entre guerras). 4) A vitória da barbárie em um dos mais antigos centros culturais do mundo – a Alemanha. 5) A insanidade do terror stalinista durante a década de 1930. 6) A Segunda Guerra Mundial, na qual todas as nações em conflito perderam algumas das considerações morais que ainda existiam na Primeira Guerra Mundial. 7) A destruição ilimitada de populações ainda mais total de cidades como Hamburgo, Dresden e Tóquio. 8) Por fim, na utilização de bombas atômicas contra o Japão.⁸

Desde tais eventos, a destruição de nossa civilização, senão de toda a humanidade, por armas termonucleares tais como existem atualmente e tal como são desenvolvidas em proporções altíssimas são material de pensamento tanto para filósofos, como Heidegger, e cientistas, como Einstein e Vladmir Alexandrov.

No entanto, poder-se-ia colocar em três termos principais os temas do início das distopias, a saber, a desumanização ou automação; governos totalitários; e uma nova

⁸ Entre tantos terrores, ainda é possível citar o Holocausto, as experiências humanas feitas pelos alemães e japoneses, sem falar ainda na retomada da tortura como prática de guerra.



ordem da(s) sociedade(s). Os três temas são correlatos, mas aparecem em formas pouco distintas em cada obra distópica.

4 1984 e Nós

Os romances *Nós* e *1984* têm mais de 30 anos de diferença entre si e apenas George Orwell escreve depois da Segunda Guerra Mundial. “Nós”, do russo Yevgeny Zamyatin (1884–1937) é de 1924. E *1984*, do britânico – porém nascido na Índia – Eric Arthur Blair ou George Orwell (1903–1950) de 1948. Ainda que ambos tenham tal distância cronológica, territorial e cultural, pois cada um representa um país da polaridade da ordem de sua época, seus romances mostram que suas preocupações quanto ao futuro estão muito próximas.

Assim, é possível declarar que neste período de tempo os escritores, refletindo o pensamento de uma época, estavam e estão ainda hoje mais preocupados com o pesadelo de uma distopia do que com o sonho de uma utopia. Isto é, a ideia de uma meta na história humana tem cada vez menos adeptos, o que preocupa tais escritores e a sociedade sobre a qual refletem é o temor de um futuro em que perdemos nossa humanidade.

Resumidamente, *Nós* narra a história de um cientista sem nome, numa sociedade onde as pessoas são “cifradas”. De maneira que o protagonista se chama D-503. Ele vive num mundo chamado Estado Único regido pelo Benfeitor. Sua sociedade é opressora, mas mantém a aparência ou ilusão de perfeição, pois não há privacidade já que todos os prédios são de vidro, todos têm trabalho e há pouquíssimas horas pessoais no dia. O único esporte é a marcha. E qualquer sentimento, sonho ou momento privado é tido como imoral ou efeito de uma doença.



1984 fala sobre Winston, um funcionário público que é encarregado de mudar a história a bel prazer do Estado. Este, que se chamava Oceania, era dominado pelo Partido e liderado pelo Grande Irmão. Tinham como slogan a tríade: “Guerra é Paz; Liberdade é Escravidão; Ignorância é Força”. Nas palavras de Huxley,

É uma sociedade permanentemente em guerra, e o objetivo de seus dirigentes é (...) exercer o poder para seu gozo próprio e, em segundo plano, manter os seus súditos num estado de tensão constante que um estado de guerra constante exige daqueles que a travam. Fazendo cruzada contra a sexualidade (...) (Huxley, s/d, p. 50)

Nessas distopias é possível ver a expressão do sentimento de impotência e desesperança do homem moderno, a praticamente desistência nos valores mais comuns de justiça, paz e amor; é uma advertência para o futuro, para o homem que poderá perder sua alma, sua própria humanidade, justamente o contrário do que as utopias buscavam.

Nesse contexto, segundo Erich Fromm, é possível ver um paradoxo histórico:

O homem, no início da era industrial, quando na realidade não possuía os recursos para um mundo no qual a mesa estaria posta para todos os que desejassem comer, quando vivia num mundo no qual existiam razões econômicas para a escravidão, para a guerra e para a exploração, e no qual o homem apenas intuía as possibilidades de sua nova ciência e de sua aplicação à técnica e à produção – ainda assim, o homem no início do progresso moderno era repleto de esperança. Quatrocentos anos mais tarde, quando todas essas esperanças são realizáveis, quando o homem pode produzir o suficiente para todos, quando a guerra se tornou desnecessária porque o desenvolvimento técnico pode dar a qualquer país mais riqueza do que as conquistas territoriais, quando este planeta está em processo de se tornar tão uni quanto era um continente quatrocentos anos atrás, no momento exato em que o homem está prestes a concretizar sua esperança, ele começa a perdê-la (Fromm, In: Orwell, 2009, p. 369).

Como então depois de conquistar a liberdade por meio do fim da Idade Média e sua ordem, o indivíduo consegue perder tanto sua liberdade quanto sua individualidade? A resposta reside em uma duplicidade do significado de liberdade.



A liberdade dos liames tradicionais da sociedade medieval, embora dando ao indivíduo uma nova sensação e independência, ao mesmo tempo faz com que ele se sentisse só e isolado, encheu de dúvida e angústia, instigando-o para uma nova sujeição e para uma atividade compulsiva e irracional (...) criaram dependências de uma nova espécie. (Fromm, 1980, p. 90)

O problema geral de Fromm se foca no caráter do processo de expansão da liberdade. Pois, o homem na Era Moderna “fica mais independente, confiante em si e mais crítico, e fica mais isolado, sozinho e com medo” (Fromm, 1980, p. 91). Entretanto, uma vez conquistando liberdades exteriores, outros inimigos de outra natureza aparecem, a saber, os interiores. Assim, é possível ver que “o problema da liberdade não é só quantitativo, mas qualitativo” (Fromm, 1980, p. 92). Desta maneira, o homem em sua nova posição no mundo está aberto a dois tipos de liberdade: uma positiva, porém também uma negativa.

É importante dar ênfase a tais liberdades na vida do homem moderno e no que culminam em sua vida. Diante deste panorama novo de Fromm, será preciso entrar na esfera psicológica e também existencial do indivíduo frente a sua condição nova na sociedade, a de estar livre.

Claro, o ser humano pós-medieval estava livre para conquistar o que quisesse ou puder. Não em vão, os primeiros burgueses compravam títulos de nobreza no fim da Idade Média. Todavia, se *livraram* também de algo. E esta liberdade negativa causou uma angústia e impotência no homem que haveria de ser “saciada” de alguma maneira. Desta forma, o colocar-se do homem individualmente a enfrentar Deus na Reforma seria, para Fromm, a preparação psicológica necessária para se encaixar no novo sistema, assumir seu novo papel, isto é, “o de sentir seu próprio eu como algo insignificante e de estar disposto a subordinar sua vida exclusivamente a fins que não os seus próprios” (Fromm, 1980, p. 96).



No capitalismo, a atividade econômica, o sucesso, as vantagens materiais passam a ser fins em si mesmos. O destino do homem torna-se contribuir para o crescimento do sistema econômico, ajuntar capital, não tendo em vista sua própria felicidade ou salvação, mas como um fim por si mesmo (...) um dente de engrenagem para servir a uma finalidade alheia (...) sua atividade devia favorecer metas a ele extrínsecas. (...) converteu-o em um servo da própria máquina por ele construída e, por isso, conferiu-lhe um sentimento de insignificância e impotência. (Fromm, 1980, p. 95-6)

De uma maneira análoga, as distopias de *Nós* e *1984* estão mergulhadas neste sentimento. Focadas no autoritarismo, encontram nele o que Aldous Huxley em *Retorno ao Admirável Mundo Novo* chamou de superorganização. Neste livro, Huxley dialoga com Fromm, analisando sua sociedade e também a obra *1984*. Neste ponto, nas suas palavras e de Fromm, diz:

[As pessoas] são normais apenas em relação a uma sociedade imensamente anormal. O seu perfeito ajustamento a esta sociedade anormal dá a proporção da sua doença mental. Estes milhões de indivíduos normais que vivem sem aparato numa sociedade a que, se fossem seres plenamente humanos, não deveriam estar adaptados, ainda acariciam 'a ilusão da individualidade', mas de fato foram em larga escala desindividualizados. A sua conformidade continua evoluindo para algo como a uniformidade (Huxley, s/d, p. 42-3).

Assim, é possível ver como esse sentimento de impotência e insegurança pode se traduzir por uma saúde mental arruinada em massa. Huxley aponta para uma “Vontade de Ordem” intrínseca ao ser humano. Em sua certa medida, ela pode ter belos efeitos nas artes, na filosofia e nas ciências, mas, quando desmedida, encontra-se com o perigo. No sentido de o ser humano não conseguir lidar com a vertigem de um mundo sem uma ordem, segurança, origem e destino universalizados. E é com a beleza da boa ordenação que é aplicada a justificação para o despotismo (Huxley, s/d, p. 45). Mas também é uma vontade humana querer participar dessa “ordem” totalitária – no sentido arendtiano. Neste



sentido, subordinam os fins aos meios; dão primazia à organização sobre o indivíduo (Huxley, s/d, p. 51); regredem de forma análoga à mentalidade medieval.

Assim, é nesta regressão ao Absoluto que se encontra o des-indivíduo ou autômato tratado nas distopias e mesmo hoje. Nesses sistemas a produzir em massa não indivíduos, mas cidadãos, no sentido de um ser humano genérico, somos testemunhas na ficção e na realidade de seres existencialmente natimortos. Como com o Grande Irmão de 1984 ou o Benfeitor de Nós, nossa realidade e outras ficções têm seus Stalins e Hitlers. Somente liderado por um grande líder ou *führer* os indivíduos são seduzidos a se desindividualizar.

Neste sentido, a distopia se torna um anti-norte, um lugar a se evitar a possibilidade do pior pesadelo da humanidade se tornar realidade, isto é, de encontrar o seu fim (espiritual), a desumanização. No entanto, apesar de seus finais trágicos, as ficções distópicas têm, como romance que são, consciente ou inconscientemente demonstrado que é possível despertar a subjetividade e a individualidade mesmo sob a repressão retratadas nestas realidades ficcionais, e que parte crucial neste caminho é nossa relação com o próximo.⁹

Referências

ABE, Paulo. *Sexualidade na distopia de 1984 de George Orwell: Repressão, manipulação e encontro*. Revista Arcádia, v. 5, p. 95-110, 2019.

FROMM, Erich. In: ORWELL, George. 1984. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

FROMM, Erich. *O Medo à Liberdade*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

⁹ Para mais nesse sentido, veja: ABE, Paulo. *Sexualidade na distopia de 1984 de George Orwell: Repressão, manipulação e encontro*. Revista Arcádia, v. 5, p. 95-110, 2019.



Departamento de Letras
Instituto de Ciências Humanas e Letras
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG –
CEP 317131-001 - Brasil

HUXLEY, Aldous. *Retorno ao admirável mundo novo*. São Paulo: Editora Hemus. S/D.

ORWELL, George. 1984. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

WATT, Ian. *A ascensão do romance*. São Paulo: Editora Companhia de Bolso, 2010.



A literary analysis of the individual in the utopia and dystopia (1984 and We)

Paulo Abe
Universidade de São Paulo

Abstract

In this paper, we seek to analyze the configuration and deconfiguration of the individual through a literary course, from the medieval universal fictions and its sub-genre, the utopia, until the novel and its sub-genre, the dystopia. On this course, we develop a dialogue with the psychoanalyst, Erich Fromm, the writer and literary historian and critic, Ian Watt and the writer and sociologist, Aldous Huxley.

Keywords: Dystopia. Utopia. Novel. Individual.



Un análisis literario del individuo en la utopía y la distopía (1984 y *Nosotros*)

Paulo Abe
Universidade de São Paulo

Resumen

En este artículo buscamos analizar la configuración y desconfiguración del individuo a través de un camino literario, desde las ficciones universales medievales y su subgénero, la utopía, hasta la novela y su subgénero, la distopía. En este camino, también desarrollamos un diálogo con el psicoanalista, Erich Fromm, el escritor y crítico literario e historiador, Ian Watt, y el escritor y sociólogo, Aldous Huxley.

Palavras clave: Distopía. Utopía. Romance. Individuo.